

## 22º DOMINGO APÓS PENTECOSTES

### TEXTO: ÊXODO 3.1-15

#### 1. Tema do Domingo

Mais um ano eclesialístico está se findando. Os textos deste período final de pós-Pentecostes, também chamado de Tempo da Igreja, já estão introduzindo aspectos relacionados à vinda do Senhor – tema principal do Advento. Embora haja esse aspecto escatológico, a ênfase do período de pós-Pentecostes não deve ser esquecida: o crescimento da Igreja, seja numericamente, seja em conhecimento da Palavra. Este crescimento é promovido pelo ensino de Jesus – a Palavra corporificada. Tendo em vista este panorama litúrgico, passemos para as leituras:

**Salmo 148:** Por aparecer treze vezes a forma imperativa do verbo *halal* (ללה), este salmo é conhecido como “salmo de *aleluia*” – termo hebraico, que significa “louvai ao Senhor!”. O salmista, como um porta-voz do Senhor, está *chamando* toda criação de Deus – criaturas invisíveis, visíveis e até mesmo coisas inanimadas<sup>1</sup> – para formarem um grande coro e louvarem o “nome do Senhor” pelo que ele é e pelo que ele faz em favor do seu povo, “que lhe é chegado” (v. 14 – ARA). Na frase “Ele exalta o poder do seu povo” (v. 14 – ARA), a palavra traduzida por *poder* (כֹּחַ, lit. *chifre*) traz uma referência indireta a alguém poderoso que seria exaltado dentre o povo.

**Êxodo 3.1-15:** Relato envolvendo o *chamado* de Deus a Moisés para libertar o seu povo da escravidão e opressão no Egito. Deus ouviu o clamor do povo de Israel e interveio na história de seu povo para libertá-lo. Moisés foi escolhido para ser seu intermediário, e apesar de ele não parecer muito disposto, o Mensageiro do Senhor – o próprio Deus – prometeu estar junto dele nessa missão libertadora. Este texto será trabalhado adiante.

**2 Tessalonicenses 2.1-8,13-17:** O apóstolo Paulo está preparando os seus leitores para os eventos precedentes à parusia. Alguns eventos já estavam acontecendo naquele tempo, como no caso da propagação de falsos ensinamentos sobre o Dia do Senhor. Ademais, Paulo relembra os

---

<sup>1</sup> Recurso poético chamado *personificação*, em que objetos inanimados adquirem uma personalidade.

tessalonicenses do *chamado* que receberam da parte de Deus, que “os escolheu desde o princípio para a salvação” (v. 13 – ARA) e os “chamou mediante o evangelho” (v. 14), e os exorta a guardarem e permanecerem nas “tradições” (v. 15 – ARA) que lhes foram entregues, isto é, o conteúdo da fé que lhes fora ensinado.

**Lucas 20.27-40:** Neste trecho, o debate teológico de Jesus acontece com os saduceus. O tema da discussão, iniciada pelos saduceus, é sobre a ressurreição – algo que eles não criam (v. 27) e que inclui o ensino da imortalidade da alma. Jesus recorre à Escritura para lhes responder, e a passagem utilizada é justamente o chamado de Deus feito a Moisés, onde o Senhor se revelou como Deus de vivos: Abraão, Isaque e Jacó, três pessoas que estavam mortas fisicamente, mas permaneciam vivas com Deus. Estes, bem como todos os que passaram pela morte, hão de ressuscitar (v. 37), isto é, retornarão aos seus corpos. Jesus diz que os filhos de Deus são “filhos da ressurreição” (v. 36), e por estarem vivos para Deus (v. 38), aguardam a redenção de seus corpos.

É possível perceber que a temática aponta para os *chamados* feitos da parte de Deus por intermédio de sua Palavra. Obviamente, cada texto apresenta um *chamado* específico e para certa ocasião: em Êxodo, há o *chamado* de Deus feito a Moisés à sua missão libertadora; na epístola, há o *chamado* de Deus mediante o evangelho, feito a cada pessoa; e o Evangelho faz alusão ao texto de Êxodo, a fim de mostrar que o Deus que *chama* pessoas, como chamou Moisés, é um Deus de vivos, embora alguns não mais estejam vivos fisicamente. Por tudo isso, o salmo nos *chama* ao louvor a Deus.

## **2. Destaques do (con)texto de Êxodo 3.1-15**

O livro de Êxodo é a continuação de Gênesis, e isso é possível de se notar pelo início do livro: há uma conjunção aditiva (*waw*), caracterizando assim uma continuidade com o livro anterior (ou até mesmo um só escrito). Entretanto, apesar da continuidade, há um lapso de tempo considerável. No fechamento do primeiro livro, a partir da história de José (cf. Gn 37-50), sabemos que houve a migração de Jacó e seus filhos para o Egito. O povo de Deus era composto de uma família de tamanho moderado (ca. 70 pessoas), que prosperava na terra do Egito. Já no início do segundo livro, após praticamente quatro séculos da morte de José, o que era apenas uma família hebreia vivendo como estrangeira no Egito havia se tornado uma multidão (cf. Êx 1.1-7; 12.37). A promessa de Deus feita a Abraão (cf. Gn 12.2, Gn 15.5;

17.1-8) estava sendo cumprida, e os israelitas agora eram muitos. Contudo, a outra parte da promessa – a posse da terra – não se cumpriria no Egito. Aliás, o cenário atual é totalmente oposto ao de Gênesis: o status privilegiado que tinham por decorrência do governo de José havia sido “esquecido” (cf. Êx 1.8). Ademais, o grande número de israelitas no território inquietava o novo faraó, o qual quis assegurar que não lhe causariam problemas. Assim, de privilegiados, passaram a ser escravizados e oprimidos (cf. Êx 1.9-11). É dentro dessa narrativa que somos informados sobre a escravização do povo israelita, que fora submetido a “trabalhos forçados” e “pesados” na construção de duas cidades-armazém: Pitom e Ramessés (cf. Êx 1.11), além da fabricação de tijolos e do trabalho no campo (cf. Êx 1.13-14).

Apesar da crescente opressão do faraó, os israelitas continuavam crescendo demograficamente (cf. Êx 1.12). Houve mais uma tentativa de conter esse crescimento: o faraó decretou que todos os meninos hebreus recém-nascidos fossem lançados ao Nilo (cf. Êx 1.16,22). O objetivo era fazer com que as meninas hebreias se misturassem com os egípcios. Contudo, a mesma água que afogou dezenas de meninos recém-nascidos fez flutuar uma pequena “arca” com uma criança dentro (cf. Êx 2.3,5). Mais tarde, essa criança viria a se chamar Moisés (cf. Êx 2.10).

Com seus 40 anos (cf. At 7.23), Moisés viu um de seus irmãos hebreus ser humilhado e espancado por um egípcio, e decidiu intervir em sua defesa, espancando o agressor – o que culminou com a morte do egípcio (cf. Êx 2.11-14). Esse ato deliberado de Moisés o forçou ao exílio em Midiã, no deserto do Sinai, como uma tentativa de fuga para não ser morto por faraó (cf. Êx 2.15). Ali, Moisés ajudou as filhas (ou netas)<sup>2</sup> de Reuel, e por esse ato foi convidado a morar com ele (cf. Êx 2.16-20). Casou-se com Zípora, uma de suas filhas (ou netas), e teve um filho, Gérson (cf. Êx 2.21,22).

Passaram-se mais 40 anos (cf. At 7.30) desde que Moisés matara aquele egípcio. O antigo faraó havia morrido e um novo faraó reinava; a situação do povo de Israel, porém, continuava a mesma (cf. Êx 2.23) – até Deus intervir na história. O começo da intervenção começa com o comissionamento de Moisés, que seria o agente humano de Deus para a libertação do seu povo.

---

<sup>2</sup> É preciso reconhecer a ambiguidade da terminologia do termo hebraico *hoten* (חַתָּן), que designa os parentes do gênero masculino resultantes do casamento (sogro, cunhado etc.). Por não ser um termo específico, pode referir-se ao pai, irmão ou avô da esposa. É por esse motivo que surge a dificuldade em relação aos diferentes nomes do “sogro” de Moisés – Reuel (Êx 2.17), Jetro (Êx 3.1) e Hobabe (Jz 4.11; cf. Nm 10.29). Considerando a ambiguidade terminológica, há três possibilidades de resolução: 1) Reuel era o avô de Zípora e chefe do clã, Jetro seria o pai de Zípora – e tecnicamente o sogro de Moisés –, e Hobabe seria o cunhado de Moisés e filho de Jetro; 2) Reuel é o sogro de Moisés, enquanto que Jetro e Hobabe seriam seus cunhados; 3) o sogro de Moisés pode ter tido pelo menos dois (ou três) nomes, já que ter mais de um nome era tradicionalmente comum na Arábia Meridional.

***Moisés pastoreava o rebanho de Jetro, seu parente (v. 1)*** – Tornar-se pastor de rebanho, geralmente de ovelhas e cabras, não fazia parte do plano de carreira que Moisés tinha para seu futuro enquanto vivia no Egito, ainda mais pelo fato de que "todo pastor de rebanho é abominação para os egípcios" (Gn 46,34b - ARA). Contudo, ser pastor o ajudou a se preparar para a comissão de Deus, pois há muito para se aprender com ovelhas, especialmente como:

- *Alimentá-las*: não são muito espertas, e por isso precisam de alguém que as conduza para acharem alimento e água;
- *Protegê-las*: são um alvo fácil para os predadores, e por isso precisam de alguém que as proteja;
- *Resgatá-las*: são propensas a vaguar, e por isso precisam de alguém que as traga de volta para o aprisco.

Em suma, ovelhas são completamente dependentes dos pastores para os seus cuidados – razão pela qual a Bíblia compara tão frequentemente o povo de Deus às ovelhas. Ao cuidar de rebanhos por praticamente 40 anos, Moisés aprendeu a ser “líder de ovelhas”, o que mais tarde lhe foi bastante útil no deserto. Como escreveu o salmista: “o teu povo, tu o conduziste, como rebanho, pelas mãos de Moisés e de Arão.” (Sl 77.20 – ARA) Isto é uma evidência de que Deus escolhe as coisas “fracas” deste mundo para humilhar os poderosos e mostrar o seu poder: seria por meio do cajado e não da espada que Deus realizaria a sua grande obra de libertação.

Ademais, um aspecto pouco lembrado é este: Moisés formou uma família. Isso significa dizer que: 1) na sua vocação como marido, ele aprendeu a amar e a servir a sua esposa, Zípora; 2) como pai, ele aprendeu a cuidar e a disciplinar os seus filhos, Gerson e Eliézer (cf. Êx 18.3,4); 3) como genro/cunhado, ele aprendeu a trabalhar em prol da família, cuidando do rebanho de Jetro. Dessa forma, Moisés também aprendeu a servir em suas vocações familiares, e ali ele estava sendo preparado por Deus para liderar o seu povo, sua “família” – os filhos da promessa.

***Monte de Deus, Horebe (v. 1)*** – Horebe pode ter sido o nome semita correspondente ao nome Sinai, não-semita; ou o nome dado à cadeia de montanhas da região, enquanto Sinai seria apenas um único cume. A localização desse monte é discutível: alguns consideram Jebel al-Lawz, no noroeste da Arábia; outros consideram Jebel Musa, no sul da Península do Sinai.

Curioso é que os beduínos que passam na região de Jebel Musa chamam o lugar de “montanha de Moisés”.

A localização é um aspecto secundário quando analisamos o termo “monte de Deus”. Isto porque no mundo antigo e clássico havia a crença de que as divindades moravam nas montanhas. Essa crença, porém, não se aplica aqui, pois não há qualquer evidência no pensamento bíblico de que os israelitas acreditavam que Deus vivesse em Horebe (ou no Sinai). Dito isto, é possível afirmar que a montanha é assim chamada prolepticamente, pois é neste lugar que mais tarde serão entregues as tábuas da lei a Moisés (cf. Êx 24.13).

**Mensageiro de YHWH (v. 2)** – o tetragrama YHWH (יהוה), que é comumente traduzido por SENHOR nas Bíblias em português, está associado a outra figura: o anjo/mensageiro. Comentários judaicos, como a Midrash Rabbah<sup>3</sup>, costumam dizer que o Anjo do Senhor é Micael, ou Gabriel. No entanto, mais adiante (v. 4), esse mensageiro assume a forma e o discurso do próprio YHWH, tornando a questão um pouco mais complexa.

No Antigo Testamento, esse mensageiro aparece diversas vezes em forma humana, e frequentemente recebia a adoração e a honra reservados somente a Deus. Contudo, ao mesmo tempo que tinha identidade divina, era *distinto* de Deus e *enviado* da parte de Deus. Esse enigma permaneceu até os tempos do Novo Testamento, quando a revelação de Deus esclareceu algumas coisas. Os Pais da Igreja (Eusébio, Justino, Irineu, Ambrósio, entre outros) descreveram essas teofanias como sendo *crisofanias*, isto é, tais manifestações de Deus seriam as aparições do Filho, o Cristo pré-encarnado. Assim, pelo fato de o “Mensageiro de YHWH” ser identificado como o próprio YHWH, mas ao mesmo tempo ser distinto, chegou-se à conclusão de que o Mensageiro não era o YHWH da providência geral, mas do ato particular da libertação. Contudo, como Agostinho alertou, é necessário não cair na heresia ariana, pois sendo o anjo/mensageiro o próprio Cristo, ele não é – e nem pode ser – uma criatura.

**Em chama de fogo (v. 2)** – Geralmente, as teofanias eram acompanhadas de manifestações da natureza, como terremoto, fogo, nuvem, vento, trovão e/ou fumaça. O fogo, por sua vez, é um símbolo da presença de Deus, evocando o caráter indócil e a capacidade que tem de transformar o que toca, seja trazendo benefícios (como cozinhar alimentos,

---

<sup>3</sup> Comentário judaico do Pentateuco, escrito no século X d.C.

transformar o barro em cerâmica etc.), seja provocando a destruição ou purificação ao reduzir a matéria a pó.

*A sarça ardia no fogo e não era consumida (v. 2)* – Há diversas tentativas de explicação para este evento. Se o interpretarmos literalmente, teremos um fenômeno físico real, no qual Deus revelou o controle que tem sobre a sua criação para gerar curiosidade em Moisés.

A alegorização da sarça que não se consome foi comumente usada na história para representar a resiliência de um povo ou grupo religioso oprimido. Na história judaica/cristã, por exemplo, a sarça representa Israel/Igreja, que apesar de estar gravemente oprimido(a) não poderia ser aniquilado(a). A Midrash Rabbah diz que a sarça é uma expressão de que Moisés cumpriria sua missão sem sofrer danos, pois Deus estaria com ele. Dentre os Pais da Igreja, Ambrósio de Milão (séc. IV d.C.) conectou o fogo à obra do Espírito Santo pelo batismo; Crisóstomo (ca. 347-407 d.C.) utilizou a imagem da sarça como uma indicação da ressurreição de Jesus, pois assim como queimou e não foi consumida, assim também o corpo de Jesus morreu, mas não foi vencido pela morte; Gregório de Nissa (ca. 334-95 d.C.) explicou a virgindade de Maria a partir do arbusto, pois assim como ele não foi consumido, assim também a virgindade de Maria não foi destruída pelo nascimento de Jesus.

Atualmente, acredita-se que o mosteiro de Santa Catarina, localizado na Península do Sinai, esteja no lugar em que ocorreu este evento.

*E viu YHWH [...] E Deus o chamou (v. 4)* – O Mensageiro de YHWH (v. 2) assume a forma e o discurso do próprio YHWH.

*Moisés, Moisés! (v. 4)* – Algo significativo, que pode passar despercebido: Deus chama por Moisés pelo seu nome. Isso demonstra que Deus já sabia quem ele era – para não mencionar onde estava e o que estava fazendo. Da mesma forma, Deus tem conhecimento pessoal e íntimo de cada um dos seus filhos, e quando decide vir e nos salvar, nos chama pelo nome.

*Eis-me aqui! (v. 4)* – Expressão idiomática, que expressa prontidão em servir, colocar-se à disposição. Ao que parece, Moisés foi o tipo de pessoa que prontamente se coloca à disposição, mas quando sabe do que se trata parece querer voltar atrás fazendo perguntas e usando desculpas.

***Tira as tuas sandálias dos teus pés (v. 5)*** – É um costume preservado ainda hoje por pessoas do Oriente Médio, bem como em culturas e religiões orientais (budismo, islamismo e algumas comunidades cristãs). O seu sentido original é controvertido: 1) permite o contato direto do corpo da pessoa com o solo sagrado; 2) gesto de humildade, retratando a atitude de um servo; 3) por ser de couro (restos de um cadáver), o calçado poderia ser considerado impuro.

A Midrash Rabbah diz que em todo o lugar onde a Presença (Deus) se manifesta é proibido calçar sandália. Por isso, os sacerdotes só ministraram descalços no Templo. Nesse sentido, há quem diga que Moisés, por ser da tribo de Levi, estava assumindo uma função sacerdotal neste momento.

***O lugar em que tu estás é terra santa (v. 5)*** – O lugar em si não é santo, mas se torna santo em virtude da presença e revelação de Deus. Durante alguns breves momentos no tempo e no espaço, a sarça foi o templo do Deus vivo, o lugar da sua presença na terra. Moisés estava na presença de Deus, e por isso o lugar era santo. Contudo, é preciso ressaltar que Deus se manifestou naquele lugar, mas não permaneceu e nem fez morada ali.

***Eu sou o Deus de teu pai (v. 6)*** – Há alguns manuscritos que colocam a palavra “pai” no plural (cf. Êx 3.15). No entanto, se permanecermos com a forma singular, há uma referência ao pai biológico de Moisés, Anrão. Nesse caso, Deus estava mostrando a Moisés que era o mesmo Deus que o havia resgatado no Nilo, o qual seus pais biológicos lhe ensinaram a servir antes de ele ir para a corte do faraó.

***O Deus de Abraão, o Deus de Isaque e o Deus de Jacó (v. 6)*** – Expressão que demonstra a continuidade das promessas de Deus, o que implica no conhecimento da história patriarcal de Gênesis. O Deus que se manifestou a Moisés não é um deus desconhecido, mas o Deus da Aliança. Esta passagem foi usada por Jesus contra os saduceus como prova da imortalidade da alma e da ressurreição dos mortos (cf. Lc 20.37). Deus se lembra dos patriarcas porque eles ainda vivem e estão desfrutando da comunhão com Deus no céu.

***Moisés escondeu o rosto, pois temia em olhar para Deus (v. 6)*** – Geralmente, a expressão idiomática “esconder o rosto” simboliza a comunhão rompida entre o santo Deus e o ser humano pecados, e por isso Moisés temeu em olhar para Deus. Contudo, alguns

comentaristas sugerem que “esconder o rosto” não expressa tanto o medo de morrer devido à presença de Deus, mas *respeito*. Nesse sentido, “temer” também pode ser interpretado como “reverenciar”, “venerar”.

***Certamente vi a aflição do meu povo [...] ouvi o seu clamor [...] desci para livrá-lo e fazê-lo subir [...] o clamor chegou a mim [...] vi a opressão (v. 7-9)*** – Este trecho demonstra que Deus *vê* e *ouve*, dando a ideia de que não havia abandonado o *seu* povo – inclusive é a primeira vez na bíblia que Deus chama um povo de *seu*. Assim, por ser *seu* povo, Deus se interessa por ele e sabe quando e como libertá-lo.

Além disso, há uma estrutura literária quiasmática presente neste trecho (A-B-C-B'-A'). Isso nos leva a olhar para o meio, o ponto de encontro (C), que é justamente a ação concreta de Deus na história: ele *desceu* para fazer o seu povo *subir*. *Descer* reflete o advento, a vinda do Senhor – e o período litúrgico da leitura é justamente a preparação para o advento; *subir* pode ser entendido a partir da geografia local, pois Canaã está mais alta em relação às terras de seus arredores.

Dito isto, é importante notar que Deus não está parado, estático, mas ativo na história, se movimentando para chegar aonde se encontra seu povo, a fim de levá-lo à terra prometida, Canaã. Nesse aspecto, é Deus que coloca a história em movimento, agindo para salvar o seu povo.

***Terra que mana leite e mel (v. 8)*** – Referência à terra de Canaã, prometida a Abraão (cf. Gn 17.8). Há quatro interpretações sobre o significado da expressão:

1. *Literal*: expressando a abundância de pastagens para criação e plantio na região;
2. *Simbólica*: expressa uma terra repleta de vitalidade, e os produtos extraídos da terra são tão bons quanto o leite e tão doces quanto o mel;
3. *Teológica*: leite e mel eram considerados alimentos dos deuses e geralmente serviam como oferendas para os deuses cananeus. Nesse caso, seria uma forma de comparar a terra prometida com o lugar onde Deus mora e onde tudo está de acordo com a sua vontade; estaria também relacionado à promessa messiânica, uma vez que o Messias se alimentará de leite e mel (cf. Is 7.15,22);
4. *Ecológica*: Leite e mel são produtos do trabalho humano e, como tais, evocam a teologia de Gênesis, onde a vontade de Deus era de que as pessoas se realizem num ambiente de trabalho e interação sadia com a natureza. Com esforço e

dedicação ao trabalho, é possível produzir os alimentos necessários para a vida; assim, o trabalho precede e gera a abundância.

O fato é: para quem não tinha uma “terra própria” e era considerado estrangeiro em terras egípcias, ou ainda para quem vivia no deserto e estava acostumado a peregrinar em busca de água e pastagem, além de não dispor de terra cultivável da qual pudesse tirar os frutos, a terra de Canaã era excelente! Entretanto, atualmente é difícil descrevê-la como uma terra boa, ainda mais depois do crescente desmatamento e modernização do local. A impressão que se tem é de um território extremamente árido e seco – resultado do corte das árvores do local.

***Eu te enviarei ao faraó (v. 10)*** – Esta passagem é comumente chamada de “comissão apostólica de Moisés”. Deus poderia ter livrado Israel “por uma só palavra”, mas preferiu fazer sua obra por intermédio de um homem.

***Quem sou eu? (v. 11)*** – Por um lado, há quem diga que a expressão demonstra a humildade de Moisés, reconhecendo sua limitação e incapacidade para ir até faraó e pedir pela libertação do povo. Por outro, há quem diga que demonstra teimosia e relutância de Moisés em confiar no plano de Deus. Ao que tudo indica, Moisés teria feito sua primeira objeção mais por medo do que por fé – e devemos admitir que faríamos o mesmo em seu lugar.

***Porque eu serei contigo (v. 12)*** – Diante da primeira objeção de Moisés, Deus lhe dá uma promessa: sua presença na missão. Com isso, Deus está mostrando a ele que o êxodo não dependia da competência ou do currículo de Moisés, mas tão somente da presença do Deus que o enviou.

***Isto te será por sinal (v. 12)*** – Comentaristas divergem sobre o que realmente foi o sinal dado a Moisés:

1. *A promessa (“servireis neste monte”)*: neste caso, o sinal precede cronologicamente a promessa iminente, sendo uma prefiguração criativa do vindouro que se realizará sem demora;
2. *A sarça ardente*: um sinal de um poder extraordinário, que confirma a autoridade de quem envia;
3. *A presença de Deus*: o fato de que Deus mesmo estará com Moisés, e assim completará a missão com excelência.

Seja qual for a interpretação, Deus estabeleceu um sinal para ser lembrado por Moisés durante o êxodo.

**Qual é o nome dele? (v. 13)** – No mundo antigo, acreditava-se que os nomes estivessem intimamente relacionados à essência da pessoa, revelando o seu caráter, suas qualidades e seus atributos. Por causa disso, *conhecer* o nome implicava em ter familiaridade íntima com alguém ou algo, ou até mesmo obter potencialmente a possibilidade de dominá-lo.

Os nomes das divindades egípcias, por exemplo, eram atribuídos a partir de seus atributos: o chacal Upuaut, “o abridor de caminhos”; o poderoso e invisível Amon, “o oculto”; Hórus, “o afastado, a altura”. Além disso, conhecer o nome da divindade possibilitava um relacionamento de comunhão entre o ser humano e a divindade – e isso era fundamental para apresentar as súplicas aos deuses e obter o favor esperado. Levando em consideração que os deuses egípcios tinham nomes, os israelitas poderiam querer conhecer o nome de Deus, isto é, a sua identidade e os seus atributos.

O detalhe é que a pergunta foi feita por Moisés, e a identidade de Deus já havia sido revelada anteriormente a ele: é o Deus dos patriarcas, que tiveram uma vivência relacional direta com esse Deus pessoal. Por isso, pode-se entender que a pergunta de Moisés não se refere estritamente ao *nome* de Deus, mas à sua *essência* – e o pronome interrogativo *qual* (מַה), em conexão com a palavra *nome* (שֵׁם), se relaciona com uma procura das qualidades, capacidades e poderes que residiam no nome. Assim, o sentido da pergunta de Moisés pode ser interpretado destas formas: “Qual o significado do nome dele?”; “Qual é o atributo dele?”; “O que ele fará por nós?”; “Qual será a relação dele conosco?”.

**(v. 14)** – A resposta de Deus é um dos textos mais difíceis do Antigo Testamento, e diante de tantas controvérsias, há interpretações e traduções amplamente divergentes. Isto acontece pelo fato de o texto empregar dois verbos idênticos para revelar o nome divino: *‘ehyeh ‘asher ‘ehyeh* (אֶהְיֶה אֲשֶׁר אֶהְיֶה). Algumas tentativas de tradução foram feitas:

- o EU SOU O QUE SOU: reflete a expressão idiomática hebraica em que algo é definido de acordo com seus próprios termos, indicando algo *indeterminado* ou expressando *totalidade, intensidade*;
- o EU SOU AQUELE QUE É: é uma leitura metafísica, colocando Deus em contraposição aos ídolos que “não são”;

- o EU SEREI O QUE SEREI: expressa a forma imperfeita do verbo *hayah* no qal, que geralmente tem sentido futuro (embora também possa ter o sentido de um presente contínuo ou “eterno”);
- o EU SOU O QUE FAZ SER: demonstra que Deus é o Criador, aquele que traz à existência o que vem à existência. Há quem a defenda a partir de fontes egípcias análogas, e há quem a considere inviável gramaticalmente;
- o EU SOU O QUE FAZ ACONTECER: reflete o que Deus fará, isto é, está relacionado à libertação de Israel do Egito (cf. Êx 20.2). Por isso, não estaria tão ligado à essência do ser divino, mas à revelação da sua ação – Deus é chamado segundo os seus atos;
- o EU SOU O QUE ESTÁ/ESTARÁ: o verbo *hayah* não deveria ser compreendido num sentido de um ser absoluto, mas no sentido de uma *presença relacional e ativa*. Deus é aquele que está *com alguém* e está *para alguém*, de maneira real e verdadeira, pronto para ajudar e agir em seu favor. Esta interpretação tem forte apoio dos comentaristas, pois era justamente o que o povo de Israel precisava conhecer: um Deus que está presente e sua presença os salvaria. Em outras palavras, Deus estaria se tornando acessível ao seu povo, a fim de *se fazer conhecido* – é o mesmo Deus dos patriarcas e que cumpriria a promessa feita a eles;
- o EU ESTAREI CONTIGO SEMPRE: pelo fato de a forma verbal presente neste versículo ser exatamente a mesma do v. 12 (“eu serei contigo”), esta expressão seria uma radicalização daquela: “eu serei contigo sempre”, “eu realmente estarei contigo”, dando a ideia de que Deus não abandonaria Moisés, pelo contrário, o acompanharia em todos os momentos, a fim de concretizar a libertação do seu povo.
- o MEU NOME NÃO LHE DIZ RESPEITO: seria uma resposta evasiva de Deus à pergunta de Moisés, pois ele é o *Deus absconditus* e não há como perscrutá-lo. O problema dessa resposta é que não corresponde ao contexto, tendo em vista que Deus pacientemente responde às objeções de Moisés.

De qualquer forma, o nome de Deus, com toda a sua aura de mistério, devia “tilintar” nos ouvidos egípcios, tendo em vista a grande variedade de deuses, com seus nomes e atributos. Dito isto, é importante perceber o viés religioso por detrás desta narrativa, especialmente pelo “nome de Deus” estar envolvido. Mais tarde, o livro retratará a batalha entre o Deus de Abraão, Isaque e Jacó e os deuses egípcios, representados por faraó, o Hórus

encarnado, responsável por manter a ordem e a justiça na terra. O cântico de Moisés, no capítulo 15, evidencia o vencedor.

*Este é o meu nome para sempre, e esta é a minha recordação de geração a geração* (v. 15) – Para um israelita, lembrar o nome de Deus, YHWH, o faz lembrar o êxodo (cf. Êx 20.2). YHWH é o verdadeiro herói da história. É ele que toma as rédeas da narrativa e se constitui o ator principal.

Esse nome, que será recordado para sempre, viria a significar para os israelitas o que o nome “Jesus” significa para nós, cristãos: um símbolo de todos os atos graciosos de Deus em favor do seu povo no êxodo (cf. Lc 9.31).

### **3. Aspectos homiléticos**

A partir dos destaques acima, podemos extrair algumas verdades práticas para o preparo da pregação:

1. Sobre o ser humano:
  - o É aquele que sofre – e faz sofrer;
  - o É aquele que é chamado por Deus;
  - o É resistente diante do chamado de Deus;
  - o Tem dúvidas e dificuldades de aceitar e confiar no Deus que vocaciona e promete estar presente.
2. Sobre Deus:
  - o É aquele que vê e sabe exatamente qual é o sofrimento do seu povo, pois ele não o abandona;
  - o É aquele que responde ao clamor do seu povo e intervém no tempo certo com compaixão;
  - o É o Deus vivo, que tem uma relação pessoal e eterna com o seu povo da Aliança;
  - o É aquele que só se torna conhecido por meio de sua revelação;
  - o É aquele que nos convida a confiar nele, isto é, na sua presença fiel e nos seus atos salvíficos;
  - o É aquele que será lembrado para sempre.

A imagem construída pela leitura do Êxodo é de um Deus presente e ativo, que se comunica com suas criaturas – neste caso, Moisés –, participa da história do seu povo e intervém de maneira mediata, de acordo com seus desígnios. Contudo, a narrativa histórica está apenas em seu começo, e isso nos mostra que ainda há coisas a serem feitas para o povo de Deus ser libertado, bem como ainda há uma promessa a se cumprir: a posse da terra prometida. Assim, o texto aponta para uma esperança escatológica, a qual não está estritamente relacionada à posse da terra em si, mas à presença de Deus no meio do seu povo – o que indica uma época de descanso.

O êxodo não pode ser considerado simplesmente uma história passada, mas uma realidade presente. O êxodo do Egito revela o arquétipo de salvação em Cristo. A escravidão de Israel é um retrato da nossa escravidão ao pecado, uma vez que todos nascemos “no Egito”, escravizados pelas nossas paixões e desejos. Tal como os filhos de Israel estavam sob o domínio do Faraó, a raça humana está sob o domínio do diabo. Por conseguinte, estamos numa necessidade de salvação tão grande como os filhos de Israel. Se quisermos ser salvos, Deus terá de *descer* para nos salvar – e foi exatamente isto que o Filho fez.

O Deus que se revelou a Moisés na sarça ardente é o mesmo Deus a quem tememos e adoramos, e o seu “novo nome” se tornou conhecido em Jesus. Sendo assim, o tipo e a ilustração já passaram, e a realidade do êxodo está em Jesus, o Filho, que desceu do céu para nos “fazer subir”, isto é, nos salvar do poder do pecado, do terror de Satanás e da opressão do inferno. Estando nós salvos, há ainda uma esperança: o Novo Céu é a nossa Terra Prometida, a “Canaã Celeste”, o lugar da presença e da bênção abundante e eterna de Deus.

Portanto, tendo em vista a possível temática do domingo, a sugestão homilética se baseia na forma como Deus age na história por meio de seus *chamados*, os quais são eternos e se tornam manifestos a nós por intermédio da sua Palavra – o Filho. Por meio dele todas as coisas foram *chamadas* à existência (cf. Jo 1.3), e assim como *desceu* e *chamou* a muitos no passado a fim de realizar seus desígnios, assim também continua *chamando* muitos para si ainda hoje para libertá-los da opressão e do sofrimento (cf. Êx 3.7) e fazê-los viver numa terra em que “mana leite e mel” (cf. Êx 3.8), lembrando e louvando o nome do Senhor (cf. Êx 3.15; Sl 148.13) por toda a eternidade.

É importante ressaltar que ainda há uma promessa a ser cumprida: a vinda definitiva de Jesus, o Dia do Senhor (cf. 2Ts 2.2) ou o Dia da Ressurreição (cf. Lc 20.32). Enquanto este Dia não chega, ele se faz presente no meio do seu povo – o novo Israel, a sua Igreja – em todos os tempos e em todos os lugares (cf. Mt 28.20) onde o seu Evangelho estiver sendo

administrado corretamente de forma oral, escrita e sacramental, conforme a “tradição” (cf. 2Ts 2.15).

Será confortador lembrar ao ouvinte que, embora passemos por inúmeros sofrimentos terrenos, ainda assim somos consolados pela “Eterna Consolação” do Senhor (cf. 2Ts 2.16), pois o “Deus dos nossos pais”, que se tornou plenamente conhecido em Jesus Cristo, vê a aflição do seu povo, ouve o nosso clamor, conhece o nosso sofrimento e descerá novamente para nos libertar do que nos aflige o corpo e alma e nos dar a sua glória (cf. Êx 3.7-8; 2Ts 2.14). Conhecer esse Deus que é por nós e que quer ser conhecido pelo seu nome é motivo para louvarmos o Senhor (cf. Sl 148.13), seja por uma “boa palavra”, seja por uma “boa obra” (cf. 2Ts 2.17), tornando conhecidos em toda a terra o nome e os atos poderosos de Deus. E se podemos dizer e fazer coisas boas, é porque o Senhor nos possibilita, está conosco e nos motiva para tal.

**Tema:** O Deus que chamou Moisés continua nos chamando.

#### A. Deus e Moisés

- I. Deus viu a aflição do seu povo e interveio na história;
- II. Deus chamou Moisés por meio da sua Palavra;
- III. Moisés teve dificuldades para atender prontamente o chamado de Deus;
- IV. Deus revelou o seu nome e prometeu estar com Moisés em sua vocação.

#### B. Deus e nós

- I. Deus vê a aflição do seu povo e intervém na história (em Jesus Cristo);
- II. Deus nos chama por meio da sua Palavra;
- III. Nós temos dificuldades para atender prontamente o chamado de Deus no evangelho;
- IV. Deus revelou o seu nome em Jesus Cristo e prometeu estar conosco em nossa vocação, enviando o Eterno Consolador.

#### C. Deus e o mundo

- I. Deus vê a aflição das pessoas e continua intervindo na história (por meio das vocações);
- II. Ao ouvirmos o clamor do mundo, somos chamados a intervir na história de alguém necessitado;
- III. Nós temos dificuldades para atender prontamente os chamados do dia a dia;

IV. Tendo a promessa e a presença de Deus, tornamos conhecido o seu nome em nossa vocação, a fim de sermos a presença de Deus num mundo caído e anunciadores de sua promessa eterna.

Rev. Matheus Ohnesorge Herz